

EMMA DONOGHUE

# O Quarto de Jack

Tradução de Cristina Correia

# Prendas

Hoje faço 5 anos. Ontem à noite, quando fui dormir para o Guarda-Fatos, tinha 4 anos mas quando acordei na Cama às escuras, já tinha 5 anos, abracadabra. Antes disso tinha 3 e antes 2 e antes 1 e antes 0.

– Eu cheguei a ser um número abaixo do 0?

– Ah? – A Mamã espreguiça-se demoradamente.

– Lá no Céu. Quando tinha menos 1, menos 2, menos 3...?

– Não, os números só começaram depois de te mandarem cá para baixo.

– Pela Claraboia. Estavas toda triste até eu aparecer na tua barriga.

– Isso mesmo. – A Mamã inclina-se para acender o Candeeiro que ilumina tudo de repente: *vush*.

Fecho os olhos mesmo a tempo, depois abro um só um pouquinho e depois o outro.

– Chorei até já não ter mais lágrimas – conta-me. – Ficava aqui deitada a contar os segundos.

– Quanto segundos? – perguntei-lhe.

– Milhões e milhões.

– Não, a sério, quantos ao certo?

– Perdi a conta – diz a Mamã.

– Depois pediste muito ao ovinho até que começaste a ficar gordinha.

A Mamã sorri de orelha a orelha.

– Sentia-te a dar pontapés.

– E eu dava pontapés no quê?

– Em mim, está claro.

Rio-me sempre nesta parte.

– De dentro, *pum, pum*. – A Mamã levanta a *t-shirt* de dormir e faz a barriga saltar. – Pensei: o Jack está a chegar. Logo no início da manhã, deslizaste para o tapete com os olhinhos escancarados.

Olho para o Tapete com o vermelho e o castanho e o preto a ziguezaguearem em redor uns dos outros. Lá está a mancha que fiz sem querer ao nascer.

– Cortaste o cordão e eu fiquei livre – digo à Mamã. – Depois tornei-me um rapazinho.

– Na verdade, já eras um rapazinho. – Sai da Cama e vai até ao Termóstato para aquecer o ar.

Acho que ele não veio ontem à noite depois das 9, o ar fica sempre diferente quando ele vem. Não pergunto porque a Mamã não gosta de falar dele.

– Diz-me lá, Sr. Cinco, queres agora o teu presente ou depois do pequeno-almoço?

– O que é, o que é?

– Eu sei que estás entusiasmado – diz a Mamã –, mas lembra-te que não deves roer o dedo pois os micróbios podem entrar pelo buraquinho.

– Para depois ficar doente como quando tinha 3 anos, a vomitar e com diarreia?

– Pior ainda – responde a Mamã –, os micróbios podem matar-te.

– E depois voltava mais cedo para o Céu?

– Continuas a roer. – Afasta-me a mão.

– Desculpa. – Sento-me em cima da mão mal comportada.

– Chama-me lá outra vez Sr. Cinco.

– E então, Sr. Cinco – diz –, agora ou mais tarde?

Salto para a Cadeira de Baloioço para ver o Relógio que marca 07:14. Consigo andar de *skate* na Cadeira de Baloioço sem me agarrar e depois salto para trás com um grito, caindo em cima do Edredão que faz de *snowboard*.

– Quando é que os presentes são para abrir?

– Seja em que altura for, é sempre divertido. Queres que seja eu a decidir? – pergunta a Mamã.

– Já tenho 5 anos, quem decide sou eu. – O meu dedo viaja outra vez até à boca. Levo-o até à axila e aperto com força.

– Pois eu decido... agora.

A Mamã tira algo de baixo da almofada dela, deve ter estado ali invisível toda a noite. É um tubo de papel pautado, com a fita roxa à volta dos mil chocolates que ganhámos quando foi Natal.

– Abre – disse-me. – Com cuidado.

Lá percebo como desatar o nó, aliso o papel e vejo que se trata de um desenho a lápis, sem cor nenhuma. Não sei do que se trata até que o viro.

– Sou eu! – Como no Espelho, mas mais, a minha cabeça e braço e ombro na minha *t-shirt* de dormir. – Porque é que os olhos de mim estão fechados?

– Estavas a dormir – explica a Mamã.

– Como foi que fizeste um desenho a dormir?

– Não, eu estava acordada. Ontem de manhã e no dia antes e no dia antes desse, acendi o candeeiro e desenhei-te. – O sorriso desapareceu. – O que foi, Jack? Não gostaste?

– Não gosto... quando estás acordada e eu estou a dormir.

– Bom, não podia desenhar-te quando estavas acordado senão não seria uma surpresa, não é verdade? – A Mamã espera um pouco. – Julguei que eras capaz de gostar de uma surpresa.

– Prefiro uma surpresa e saber.

Dá uma espécie de gargalhada.

Subo para a Cadeira de Baloço e tiro um pionés do Estojo na Prateleira, menos um significa que agora faltam 0 para os 5. Dantes eram 6, mas 1 desapareceu. Está um a segurar *Grandes Obras-Primas da Arte Ocidental N.º 3: A Virgem e o Menino com Santa Ana e São João Batista*, logo atrás da Cadeira de Baloço, e outro está a segurar *Grandes Obras-Primas da Arte Ocidental N.º 8: Impressão, Nascer do Sol* ao lado da Banheira e outro está a segurar o polvo azul e outro o quadro do cavalo maluco chamado *Grandes Obras-Primas da Arte Ocidental N.º 11: Guernica*. As obras-primas vieram nos cereais mas o polvo fui eu que fiz, o melhor desenho de março, que está a enrolar-se um pouco por causa do vapor da Banheira. Prendo o desenho surpresa da Mamã mesmo no meio do quadro de cortiça por cima da Cama.

Ela abana a cabeça.

– Aí não.

Não quer que o Nick Mafarrico veja.

– Então e no Guarda-Fatos, por trás? – pergunto.

– Boa ideia.

O Guarda-Fatos é de madeira por isso tenho de fazer muito mais força para enterrar o pionés. Fecho as tontas das portas que rangem

sempre mesmo depois de termos colocado óleo de milho nas dobradiças. Olho pelas ripas mas está muito escuro. Abro um pouco para espreitar, o desenho secreto é branco tirando as pequenas linhas cinzentas. O vestido azul da Mamã está pendurado logo acima do meu olho adormecido, quer dizer, o olho do retrato, mas o vestido verdadeiro no Guarda-Fatos.

Consigo cheirar a Mamã a meu lado, tenho o melhor nariz da família.

– Oh, esqueci-me de mamar um bocadinho quando acordei.

– Não faz mal. Agora que já tens 5 anos, não é preciso mamar a toda a hora.

– Nem pensar.

Posto isto, ela deita-se no branco do Edredão e eu também e mamo muito.

\* \* \*

Conto 100 cereais e vazo o leite em cascata, quase tão branco como as taças, sem salpicar, e agradecemos ao Menino Jesus. Escolho a Colher Derretida com o branco todo escangalhado no punho por ter caído sem querer na caçarola de massa a ferver. A Mamã não gosta da Colher Derretida mas é a minha preferida por ser diferente.

Faço festinhas nos arranhões da Mesa para passarem, a Mesa é um círculo todo branco, tirando o cinzento dos arranhões de aí se cortar a comida. Durante o pequeno-almoço jogamos ao Trautear pois para isso não precisamos da boca. Eu adivinho “Macarena” e “She’ll Be Coming ‘Round the Mountain” e “Swing Low, Sweet Chariot” mas que, na verdade, é “Stormy Weather”. Por ter conseguido 2 pontos, recebo 2 beijinhos.

Trauteio “Row, Row, Row Your Boat” e a Mamã adivinha logo. Depois passo para o “Thubthumping”, ela faz uma careta e diz:

– Ai, eu sei qual é, é aquela sobre ser derrubado e voltar a erguer-se, como é que se chama? – Mesmo no fim, ela lembra-se. Para a terceira música trauteio “Can’t Get You Out of My Head”, mas a Mamã não faz a mínima ideia. – Escolheste uma difícil... Ouviste essa música na televisão?

– Não, ouvi-te a cantá-la. – Desato a cantar o refrão e a Mamã diz que é uma tonta.

– Cabeça de burro. – Dou-lhe 2 beijinhos.

Levo a minha Cadeira até ao Lavatório para lavar a loiça, com as taças tenho de ter cuidado, mas as colheres posso bater: *cling, clang, clong*. Deito a língua de fora em frente ao Espelho. A Mamã está atrás de mim, consigo ver o meu rosto à frente do dela como uma máscara que fizemos quando foi Dia das Bruxas.

– Quem me dera que o desenho estivesse mais perfeito – diz ela –, mas ao menos mostra como és.

– Como é que eu sou?

Dá pancadinhas com o dedo no Espelho onde é a minha testa, deixando um círculo marcado.

– És a minha cara chapada.

– Porque é que sou a tua cara chapada? – O círculo está a desaparecer.

– Quer dizer que és parecido comigo. Deve ser por teres sido feito de mim, tal como a minha cara. Os mesmos olhos castanhos, a mesma boca grande, o mesmo queixo fino...

Estou a olhar fixamente para nós ao mesmo tempo e os dois no Espelho, que somos nós, também nos estão a mirar.

– O nariz não é o mesmo.

– Bom, ainda tens um nariz de criança.

Agarro-o.

– Este vai cair e depois cresce um de adulto?

– Não, não, só vai ficar maior. O cabelo castanho é igual...

– Mas o meu vai até à cintura e o teu dá-te pelos ombros.

– É verdade – diz a Mamã, pegando na Pasta de Dentes. – Todas as tuas células têm o dobro da energia das minhas.

Não sabia que as coisas podiam estar meio vivas. Volto a olhar para o Espelho. Também as nossas *t-shirts* de dormir são diferentes, tal como a roupa interior: a dela não tem ursinhos.

Quando ela cospe pela segunda vez, é a minha vez com a Escova de Dentes, escovo todos os meus dentes, dando uma volta completa. O cuspo da Mamã no Lavatório não se parece nada nem comigo nem com o meu cuspo. Lavo-os e faço um sorriso de vampiro.

– Ai! – A Mamã tapa os olhos. – Tens os dentes tão limpinhos que até me encandeiam.

Os dela estão bem podres pois esqueceu-se de os escovar e lamenta por isso e agora já não se esquece, mas continuam podres.

Fecho as cadeiras e ponho-as ao lado da Porta, encostadas ao Cavalo das Roupas que resmunga sempre e diz que já não há mais espaço, mas há muito se ele se endireitar. Também consigo ficar bem achatado mas não àquele ponto por causa dos meus músculos que estão vivos. A porta é feita de um metal brilhante e mágico, faz *bip bip* depois das 9, quando eu já tenho de estar fechado no Guarda-Fatos.

Hoje, a cara amarelada de Deus não está a entrar, a Mamã diz que está a ter dificuldades em abrir caminho através da neve.

– Qual neve?

– Olha – diz ela, apontando para cima.

Vê-se um bocadinho de luz no cimo da Claraboia mas o resto está escuro. A neve na televisão é branca, mas a verdadeira não, e isso é esquisito.

– Porque é que não nos cai em cima?

– Porque está lá fora.

– No Espaço Lá Fora? Quem me dera que fosse cá dentro para brincar com a neve.

– Ah, mas assim derretia porque aqui está agradável e quentinho.

– Começa a trautear e eu adivinho logo que é o “Let It Snow”. Canto o segundo verso. Depois, passo ao “Winter Wonderland” e a Mamã junta-se a mim num tom mais alto.

Temos milhares de tarefas todas as manhãs, como regar a Planta com uma chávena de chá no Lavatório não vá entornar-se, depois voltamos a pô-la no pires em cima da Cómoda. A Planta vivia na Mesa, mas o rosto de Deus queimou-lhe uma folha que caiu. Ainda tem 9, são tão largas como a minha mão e estão cheias de pelos, como a Mamã diz que são os cães. Mas os cães só existem na televisão. Não gosto de 9. Dou com uma folhinha a nascer, e assim já faz 10.

A Aranha é verdadeira. Já a vi 2 vezes. Estou à procura dela, mas só vejo uma teia entre a perna da mesa e o tampo. A Mesa balança muito, é difícil, quando fico apoiado numa só perna consigo ficar assim muito tempo, mas acabo sempre por me desequilibrar. Não

conto à Mamã acerca da Aranha. Ela varre as teias, diz que são porcaria mas, para mim, parecem-me prata superfina. A Mamã gosta dos animais que andam a correr de um lado para o outro e a comerem-se uns aos outros no planeta de vida selvagem, mas não gosta dos verdadeiros. Quando tinha 4 anos, estava a ver formigas avançarem num carreirinho pelo Fogão acima e ela veio a correr e esmagou-os todos para que não comessem a nossa comida. Num minuto estavam vivos e no minuto seguinte não passavam de um monte de porcaria. Chorei tanto que os meus olhos quase derreteram. Noutra altura, havia uma coisa a meio da noite a fazer *zum zum zum* e a picar-me e a Mamã espalmou-o na Parede da Porta Abaixo da Prateleira, era um mosquito. Ainda lá está a marca na cortiça, ainda que ela se tenha fartado de esfregar, era o meu sangue que o mosquito estava a roubar, como um vampiro pequenininho. Foi a única vez que o meu sangue saiu de mim.

A Mamã toma o seu comprimido do pacote prateado que tem 28 naves espaciais prateadas e eu tomo vitaminas de um frasco com o rapaz a fazer o pino e ela toma o que vem no frasco grande com a imagem de uma mulher a jogar Ténis. As vitaminas são remédios para não adoecermos nem voltarmos já para o Céu. Eu não quero ir para lá nunca, não gosto de morrer, mas a Mamã diz que se calhar não faz mal quando tivermos 100 anos e estivermos fartos de brincar. Ela também toma um comprimido para as dores. Às vezes toma 2, nunca mais do que 2, pois algumas coisas fazem-nos bem, mas quando é de mais faz mal.

– É o Dente Podre? – pergunto-lhe. Está na parte de cima, mesmo lá atrás na boca e é o que está pior.

A Mamã diz que sim.

– E se tomasses 2 comprimidos para as dores em todas as partes do dia?

Faz uma careta.

– Ficava agarrada.

– O que é...?

– Como se quisesse estar sempre agarrada a eles pois precisaria sempre de os tomar. Aliás, sou bem capaz de precisar deles cada vez mais.

– E que mal tem precisares deles?

– É difícil explicar.

A Mamã sabe tudo, tirando aquilo de que não se lembra bem ou quando às vezes diz que sou muito pequeno para me explicar uma coisa.

– Fico melhor dos dentes se parar de pensar neles – diz-me.

– Como assim?

– Chama-se domínio da mente. Se não nos preocuparmos, não tem importância.

Quando me dói o que quer que seja, importo-me sempre. A Mamã massaja-me o ombro e, mesmo não me doendo, gosto da sensação.

Mesmo assim, não lhe conto da teia. É estranho ter uma coisa que é só-minha-e-não-da-Mamã. Tudo o resto é dos dois. Quer-me parecer que o corpo é meu e também as ideias que surgem na minha cabeça. Mas as minhas células são feitas das células dela, por isso sou como se fosse dela. Além disso, quando lhe digo o que me vai na cabeça e ela me conta o que está a pensar, as ideias de um saltam para a cabeça do outro, como lápis de cor azul por cima de amarelo que faz verde.

Às 08:30 carrego no botão da televisão e percorro os três. Dou com *Dora, A Exploradora*, iupi! Muito devagar, a Mamã muda o Coelho de posição para melhorar a imagem com as orelhas e a cabeça. Um dia, quando tinha 4 anos, a televisão foi-se e eu chorei, mas à noite, o Nick Mafarrico trouxe uma caixa mágica transformadora para trazer a televisão de volta à vida. Os outros canais a seguir aos 3 estão completamente desfocados por isso não os vemos pois fazem mal aos olhos, só se passarem música e então pomos o Cobertor por cima e ficamos a ouvir o que passa pelo cinzento e abanamos os rabiosques.

Hoje, levo os meus dedos à cabeça da Dora para lhe dar um abraço e conto-lhe acerca dos meus novos superpoderes agora que tenho 5 anos e ela sorri. Tem um cabelo enorme que parece um capacete castanho com pedaços espetados e recortados, é tão grande como o resto do corpo dela. Sento-me na Cama ao colo da Mamã para ver, remexendo-me até não lhe sentir os ossos salientes. Não tem muitas partes macias, mas as que são, são muito macias.

A Dora diz partes que não são numa língua a sério, são em inglês, como *let's do it*. Usa sempre uma Mochila que tem mais dentro

do que fora, com tudo o que a Dora precisa como escadas e fatos espaciais, coisas para dançar e jogar futebol, tocar flauta e viver aventuras com o Boots, o seu melhor amigo que é macaco. A Dora diz sempre que vai precisar da *minha* ajuda, por exemplo, se posso encontrar o objecto mágico e espera que eu responda: “Sim”. Eu grito: “Atrás da palmeira” e a seta azul clica mesmo atrás da palmeira e ela diz: “Obrigada”. Todas as outras pessoas da televisão não ouvem. O Mapa mostra sempre 3 lugares, temos de ir ao primeiro para ir para o segundo e depois para o terceiro. Vou com a Dora e o Boots, de mãos dadas, participo em todas as canções, especialmente com cambalhotas ou “dá cá mais cinco” ou na Dança da Galinha Louca. Temos de estar atentos à matreira Swiper, gritamos 3 vezes: “Swiper, no swiping” até ela ficar toda aborrecida e queixar-se: “Oh, man!” para logo fugir dali. Uma vez, a Swiper construiu uma borboleta robô comandada por controlo remoto, mas correu mal e tirou-lhe a máscara e as luvas e isso foi hilariante. Às vezes, apanhamos estrelas e pomo-las no bolso da Mochila, por mim escolhia a Estrela Barulhenta que acorda tudo e todos e a Estrela Troca-Troca que assume todas as formas possíveis e imaginárias.

Os outros planetas têm sobretudo pessoas às centenas que cabem no ecrã, só que às vezes ficam enormes e muito próximas. Têm roupas em vez de pele, os rostos são rosados ou amarelados ou acastanhados ou com tufos ou cabeludos, têm bocas muito vermelhas e olhos enormes escuros à volta. Riem-se e gritam muito. Adorava estar sempre a ver televisão, mas isso pode apodrecer-nos o cérebro. Antes de eu descer do Céu, a Mamã deixava-a ligada o dia todo até que se transformou num *zombie*, que é como um fantasma mas que a andar faz *tump tump*. Por isso, agora ela desliga-a sempre no fim de um episódio para que as células voltem a multiplicar-se durante o dia e depois podemos voltar a ver outro programa a seguir ao jantar e o cérebro volta a crescer durante a noite.

– Só mais um, porque faço anos? Vá lá.

A Mamã abre a boca, para logo a fechar. Depois diz:

– Porque não?

Tira o som aos anúncios porque nos transformam o cérebro em papa ainda mais depressa até nos escorrer pelas orelhas.

Fico a ver os brinquedos, vejo um maravilhoso camião e um trampolim e Bionicles. Dois rapazes lutam com Transformers na mão mas como amigos e não como mauzões.

É então que começam os desenhos animados, é o SpongeBob SquarePants. Corro para lhe tocar e à estrela-do-mar Patrick, mas não no Squidward, que é horripilante. É uma história assustadora sobre um lápis gigante que vejo através dos dedos da Mamã que têm todos o dobro do tamanho dos meus.

Nada assusta a Mamã. A não ser, talvez, o Nick Mafarrico. Ela chama-lhe quase sempre *ele*, nem sequer sabia como se chamava até ver uns desenhos animados sobre um homem que só aparece à noite e se chama Nick Mafarrico. Chamo isso ao verdadeiro porque ele só vem à noite, mas não se parece com o tal da televisão que tinha barba e chifres e assim. Uma vez, perguntei à Mamã se era velho e ela respondeu que tem quase o dobro da idade dela, o que quer dizer que é muito velho.

Ela levanta-se e desliga a televisão assim que aparece o genérico.

O meu chichi é amarelo por causa das vitaminas. Sento-me para fazer cocó e digo:

– Adeusinho, vai para o mar. – Depois de puxar o autoclismo fico a ver o autoclismo encher e fazer *blublu gluglu rurru*. Depois lavo as mãos e esfrego tanto que parece que a pele me vai saltar, é assim que fico a saber que as lavei como deve ser.

– Há uma teia debaixo da Mesa – digo, sem saber que o ia fazer. – É da Aranha, é verdadeira. Já a vi 2 vezes.

A Mamã sorri, mas não é bem um sorriso.

– Não a tires, por favor. É que ela nem está lá, mas pode voltar.

A Mamã ajoelha-se para ver debaixo da Mesa. Não lhe consigo ver a cara até ela prender o cabelo atrás da orelha.

– Fazemos assim: deixo-a ali até fazermos a limpeza, está bem?

Isso é na terça-feira, faltam 3 dias.

– Está bem.

– Sabes que mais? – Põe-se em pé. – Temos de marcar a tua altura, agora que já tens 5 anos.

Dou saltos no ar.